

**O TRÁGICO EM  
MACHADO DE ASSIS:  
ANÁLISE DO CONTO  
SINGULAR OCORRÊNCIA**

ALMEIDA, Rogério de<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) - Linha temática: Cultura, Organização e Educação. Vinculado como pesquisador ao Lab\_Arte e CICE. Graduado em Letras (1997) e Doutor em Educação (2005), ambos os títulos pela Universidade de São Paulo. E-mail: <rogerioa@usp.br>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a presença do trágico, definido como realidade não-interpretável, no conto Singular Ocorrência, do escritor brasileiro Machado de Assis. Partindo de referências bibliográficas calcadas em Clément Rosset e Nietzsche, a análise fenomenológica procura descrever o enredo do conto e os nós que tornam a narrativa um exemplo de ocorrência não interpretável, portanto, sua constituição trágica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura; Machado de Assis; Filosofia; Trágico.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the tragic, defines as the non-interpretative reality, in the "Singular Event" tale, of the brasilian writer Machado de Assis. Departing from the bibliographical references based on Clément Rosset and Nietzsche, the phenomenological analysis tries to describe the plot of the tale and the ties that that turns the narrative an example of non-interpretative occurrence, hence, its tragical constitution.

**KEYWORDS:** Literature; Machado de Assis; Philosophy; Tragic.

## INTRODUÇÃO

O trágico em Machado de Assis não aparece nas franjas do texto nem está escondido na profundidade de suas fabulações, mas ocupa lugar central em sua obra, tanto nos romances quanto nos contos pertencentes à fase consensualmente dita madura. Se não salta aos olhos é menos por sua evidência que pela dificuldade de encará-lo, pois uma das definições do trágico é justamente o que não é interpretável (Rosset, 1960: 7).

À crítica parece impróprio abordar o que não é interpretável, pois seria reconhecer uma fraqueza que não é exclusiva sua, mas da própria racionalidade. No entanto, se não é possível interpretar o que se mostra como trágico, é possível vê-lo e a obra de Machado o expõe em toda sua crueza.

É o que atesta, por exemplo, o conto Singular ocorrência, em que desde o título se anuncia o não interpretável, ou seja, o dado singular que, aberto a racionalizações, é refratário ao sentido, como atesta o seu final.

Do conto, é possível extrairmos três considerações, ou filosofemas, se se quiser, desde que figure a ressalva de que a obra é ficção e não filosofia, portanto não afeita à sistematização própria desta arte, mas à expressão simbólica daquela. São estas:

- 1) As ocorrências são singulares, ou seja, o real, como acontecimento, é singular, único, não interpretável. O conto se abre com a frase: "Há ocorrências bem

- singulares”, em que o advérbio “bem” intensifica a singularidade, mas não exclui a possibilidade de extensão da singularidade a todas as ocorrências (ou a toda realidade).
- 2) A acomodação da realidade ao sentimento da ocasião, ou seja, afirmação da sensibilidade na relação afetivo-racional com o real. A realidade nos afeta, vemo-la, mas a maneira como a sentimos (ou a apreendemos com nossa sensibilidade) orienta nossas racionalizações, nossa tentativa de interpretá-la, muni-la de um sentido que é mais nosso que dela.
  - 3) A indiferença do acaso, que no texto é apresentado como “um deus e um diabo ao mesmo tempo...”, ou seja, a falta de fundamento para as racionalizações que buscam o sentido do real.

Estas três considerações – 1) o real é singular, 2) o sentimento da ocasião acomoda a realidade e 3) o acaso apresenta-se como indiferença – apontam para uma ausência de sentido que brota justamente da impossibilidade de interpretação do que se apresenta como real ou como ocorrência e que aqui define trágico.

Mas vamos ao conto para melhor compreender de que forma o trágico se apresenta.

### O REAL É NÃO INTERPRETÁVEL

Singular Ocorrência desenvolve-se sem a mediação de um narrador. Do início ao fim temos um diálogo em que, pelos indícios textuais, um homem mais velho conversa com um rapaz (“se o senhor não abusou da minha ingenuidade de rapaz”) sobre um caso aparentemente fútil, tema de prosa que se leva em uma esquina, próximo à igreja, sem pretensão a qualquer ilustração de gravidade. O homem mais velho aponta uma dama que está entrando na igreja, deve ter quarenta e seis anos e ainda guarda a beleza de sua juventude. Trata-se de d. Maria de tal, mas que era conhecida, em 1860, como Marocas. Pela exclusão das profissões, chegamos à mais antiga. O decorrer do texto apresenta as circunstâncias em que o Andrade, amigo do interlocutor mais velho, conheceu-a e por ela se apaixonou.

Apresentados os personagens, percebem-se duas diferentes posturas por parte dos interlocutores: o rapaz pontua a história com comentários apressados e, muitas vezes, equivocados, mas que servem de contraponto ao narrador, que, gozando da amizade do Andrade, pode nos fornecer os detalhes das circunstâncias que envolveram o caso. Já o homem mais velho, que assume a postura de narrador do caso, traça o perfil moral de Marocas e desconstrói os valores que aderem ao estereótipo da prostituta.

Como imagem pronta, rasa e caricatural, o estereótipo presta-se a reduzir em pequenos traços, que se amplificam, as características de determinado tipo; no caso, social. Mas Marocas não é vulgar, decaída moralmente, interesseira ou pervertida. Apresentada como analfabeta, será o Andrade que irá ensiná-la a ler, depois que ambos começam a se amar. Para facilitar a identificação da personagem, o autor recorre à analogia com a *Dama das Camélias*<sup>2</sup>, indicando que Marocas dispensou seus namorados (inclusive “alguns capitalistas bem bons”) para dedicar sua afeição apenas ao Andrade, vivendo sozinha e se submetendo a restrições financeiras (“a Marocas empenhara algumas jóias para pagar uma conta da costureira”).

Do ponto de vista do comportamento, Marocas aparece como recatada, modesta, contentando-se financeiramente com o apenas estritamente necessário, capaz de recusar um beijo do Andrade por não estarem a sós, conformada com o fato de Andrade ser casado e ter uma filha. Enfim, não há no comportamento de Marocas nada que a desaprove no que concerne aos valores morais médios da sociedade da época, o que relativiza sobremaneira o fato de ter sido prostituta.

Inclusive no presente, quando o homem mais velho e o rapaz a veem saindo da igreja, sua seriedade é reforçada, uma vez que usa luto há pelo menos treze anos pela morte do

<sup>2</sup> Escrita originalmente como romance, *A Dama das Camélias* foi adaptada para o teatro pelo próprio autor, Alexandre Dumas Filho. Retrata a ligação amorosa entre um jovem estudante, Armand Duval, e Marguerite Gautier, cortesã parisiense. A obra se tornou matriz para as abordagens românticas da prostituta redimida pelo amor.

Andrade (mesmo sem ter sido com ele casada) e não olha nunca para os lados, índice de respeitabilidade.

Então desata a ocorrência. O Andrade viaja com a família por dois dias. Marocas diz, em alusão a uma peça teatral que havia visto, que jantaria com o retrato dele. Na volta, Andrade recebe um sujeito reles e vadio, de nome Leandro<sup>3</sup>, que por acaso lhe conta uma anedota erótica, uma “fortuna rara”, uma coisa que não merecia, mas que lhe deixou “excepcionalmente risonho”.

Foi o caso que, na véspera, perto das dez horas da noite, encontrara no Rocio uma dama vestida com simplicidade, vistosa de corpo, e muito embrulhada num xale grande. A dama vinha atrás dele, e mais depressa; ao passar rentezinha com ele, fitou-lhe muito os olhos, e foi andando devagar, como quem espera. O pobre-diabo imaginou que era engano de pessoa; confessou ao Andrade que, apesar da roupa simples, viu logo que não era cousa para os seus beijos. Foi andando; a mulher, parada, fitou-o outra vez, mas com tal instância, que ele chegou atrever-se um pouco; ela atreveu-se o resto... Ah! um anjo! E que casa! que sala rica! Cousa papa-fina. E depois o desinteresse... (Machado de Assis, 1994: 156)

Quando Leandro, ao finalizar o caso, informa seu endereço, ocorre o reconhecimento. O interlocutor mais jovem faz ecoar a exclamação do Andrade, e que também é a nossa. Então, apesar de “digno, generoso, sincero”, Andrade se vinga pagando para que o Leandro o acompanhe a casa e confirme a história na frente de Marocas. Ela se mostra fora de si, desesperada, ameaça se matar, atira-se ao chão.

A partir de então, lemos a tentativa do mais jovem de “solucionar o caso” encontrando um sentido para o ocorrido, sem obter sucesso. O mais velho refuta a tese do seu interlocutor de que seriam “hábitos dela”: “Quanto a mim, cogitava na aventura, sem atinar com a explicação. Tão modesta! maneiras tão acanhadas!” Citando Augier, o rapaz sentencia: “a nostalgia da lama”. Mas o mais velho não crê e prossegue a narrativa.

Uma criada de Marocas procura Andrade preocupada com o sumiço da ama. Confirma que não era costume dela sair, mas que

<sup>3</sup> Tanto Leandro quanto Andrade carregam homem (andro) no nome, tendo Maria toda a respeitabilidade semântica de Senhora Soberana do hebraico, traços etimológicos que reforçam as características das personagens.

saiu na noite anterior. Andrade, tomado de remorso e preocupação, sai em busca de Marocas, sempre acompanhado do narrador.

Ele perguntava-me, a cada passo, se não era natural fazer o que fez, no delírio da indignação, se eu não faria a mesma cousa. Mas depois tornava a afirmar a aventura, e provava-me que era verdadeira, com o mesmo ardor com que na véspera tentara provar que era falsa; o que ele queria era acomodar a realidade ao sentimento da ocasião (Machado de Assis, 1994: 159)

Essa passagem, para além de ilustrar o estado de espírito do protagonista, afirma um movimento que retomarei mais adiante pelo que contém de trágico. Mais do que expressar uma contradição ou um conflito insuflado pelo calor do momento, parece apontar para o cerne mesmo do trágico, ou seja, a impossibilidade de, por meio da razão, apreender a realidade sentida. Que os sentimentos sejam volúveis, ou inconstantes, é mais do que óbvio (daí o texto usar a expressão “sentimento de ocasião”), mas enxergar a razão como volúvel, ou inconstante, e ainda imbricada aos sentimentos, é um movimento que requer abrir mão, primeiro, da noção de verdade e, segundo, da crença de que a razão possa interpretar a realidade apropriando-se de seu sentido. Em última instância, abre mão mesmo da própria noção de que haja algum sentido para a realidade. Mas voltaremos a isso depois.

Por ora, basta saber o desfecho do conto. Andrade encontra Marocas, abatida, em uma hospedaria, caem nos braços um do outro e ela perde os sentidos. O mais jovem quer saber se então tudo se explicou. O mais velho afirma que não e resume os fatos subseqüentes, os quais comprovam a observância dos padrões morais condizentes à situação, ou seja, ela se manteve fiel, mesmo quando Andrade viaja para a Província, mesmo após sua morte.

O diálogo final é o que se segue:

- Realmente, há ocorrências bem singulares, se o senhor não abusou da minha ingenuidade de rapaz para imaginar um romance...
- Não inventei nada; é a realidade pura.
- Pois, senhor, é curioso. No meio de uma paixão tão ardente, tão sincera... Eu ainda estou na minha; acho que foi a nostalgia da lama.
- Não: nunca a Marocas desceu até aos Leandros.
- Então por que desceria naquela noite?

– Era um homem que ela supunha separada, por um abismo, de todas as suas relações pessoais; daí a confiança. Mas o acaso, que é um deus e um diabo ao mesmo tempo... Enfim, cousas! (Machado de Assis, 1994: 160)

Depreende-se dessa tentativa última de explicação da singular ocorrência que, se é possível justificar certas circunstâncias – o fato, por exemplo, de a Marocas ter escolhido o Leandro –, há realidades, as puras, por exemplo, que jamais se deixam pescar. Qual a motivação para sua ação? De que maneira relaciona-se com seu modo de ser e viver, com seus valores, com sua vida? Descartada a nostalgia da lama, uma vez que nunca havia ela “descido aos Leandros”, o que explicaria a ocorrência e, por extensão, a própria realidade?

De modo semelhante a Dom Casmurro ou a outros contos (Caso da Vara, por exemplo), o final fica em aberto. A vida corre, mas o sentido dela (ou de determinadas ocorrências) jamais vem à tona. Certamente, trata-se de uma estratégia literária, mas mais do que isso, há uma recusa que é afirmação. Afirmação da impossibilidade de reduções hermenêuticas. Explicando melhor:

Um dos movimentos da interpretação é buscar o sentido pela repetição. Se Marocas tivesse o hábito de sair às ruas e viver aventuras anônimas, poderíamos explicar sua conduta por uma série de atributos morais. Sua perversão seria a explicação para a ocorrência de que trata o conto. No entanto, como explicar a ocorrência singular, o dado único?

Outro movimento da interpretação é a analogia ou reverberação simbólica. Digamos que não seja hábito dela viver o tipo de aventura sexual vivida com Leandro, mas que seja de sua conduta desprezar as convenções morais. Imaginemos que fosse dissimulada e afetasse um recato que não era seu. Poderíamos vê-la usando roupas diferentes quando estivesse só, por exemplo. Essa homologia serviria de explicação, pois não foi a ocorrência um fato isolado, mas mais uma ocorrência que se classificaria como “desvio de conduta moral”, atributo da personagem.

Não é nada disso o que ocorre no conto. Nem mesmo o desejo de reviver sua vida de prostituta, a tal nostalgia da lama, se torna uma hipótese plausível. Do que o conto nos alerta o tempo todo é que há ocorrências que não podem ser interpretadas. Mas por que não podem ser interpretadas?

Seria por ser única, diferente das demais que se repetem? Ou por que não haveria uma motivação racional ou racionalizável? Haveria, na realidade, ocorrências explicáveis e outras não? E se não o são, qual a razão para não o serem? Enfim, a questão central que o conto suscita parece nos remeter à própria natureza da hermenêutica, uma vez que põe em xeque a maneira como interpretamos o real.

Dizer que há ocorrências interpretáveis e outras não é afirmar a existência de duas realidades, o que nos possibilitaria um imaginário do duplo, em que um mundo paralelo se imiscui no real. Ou reafirmar Platão e seus seguidores, com a classificação dos mundos em inteligível e sensível. Se negarmos as possibilidades transcendentais, aliás como fez o próprio Machado em sua obra, ficaríamos com uma realidade material e única, em que não apenas uma ocorrência seria singular, mas todas as ocorrências seriam singulares.

Partindo dessa hipótese, deixaríamos de afirmar que esta ou aquela interpretação está condizente com o real para afirmar que toda interpretação se sobrepõe ao real sem jamais interpretá-lo, ou seja, sem jamais definir o seu sentido, mas apenas o próprio sentido da interpretação<sup>4</sup>.

Explicando melhor: a hermenêutica não possibilita que a interpretação encontre ou desvende ou descubra o sentido da ocorrência, ou do real, mas que encontre o seu próprio

<sup>4</sup> Para Paul Ricoeur (1977: 57-58): “Aquilo de que finalmente me apropriado é uma proposição de mundo. Esta proposição não se encontra atrás do texto, como uma espécie de intenção oculta, mas diante dele, como aquilo que a obra desvenda, descobre, revela. Por conseguinte, compreender é compreender-se diante do texto.” O intérprete não apreende um sentido que lhe seja alheio, mas é partícipe da criação de sentido, de modo que sua compreensão ocorre simultaneamente a uma compreensão de si, o que faz com que o sentido serpenteie no texto, mas jamais exista como coisa em si. Por isso, defendo que o sentido é colado ao texto, e por extensão ao real, sempre que nos propomos a lê-lo. O que equivale a dizer que não há sentido a ser descoberto, pois o texto (e o real) não é um esconderijo de sentidos, mas um tecido complexo de onde se retiram os fios para tecer sentidos re-arranjados. O sentido não é nem se origina da coisa em si, mas é sempre engendrado, o que exige uma relação contínua e recíproca entre sujeito e texto (ou objeto).



sentido, ou seja, que aplique, configure, cole um sentido ao real, fazendo com que o real assuma um sentido onde antes não havia nada, apenas ocorrência.

É por esta consideração que podemos entender a resistência do narrador a atribuir um sentido para a aventura de Marocas. Na impulsividade humana de racionalizar os fenômenos, é quase inevitável ver sentido em tudo, explicar personalidades e pessoas, valores morais e condutas, escolhas e infrações. Mas e no caso de Marocas?

É a desnaturalização da ocorrência que permite afirmá-la como singular e ininterpretável, como se o autor escolhesse uma situação enigmática para, a partir dela, nos mostrar o enigma de todas as situações.

O processo de desnaturalização – um dos passos do (re)conhecimento do trágico (Rosset, 1989a) – só é possível porque a nossa consciência toma como “natural” – ou seja, “que decorre normalmente da ordem regular das coisas” (Dicionário Houaiss) – as convenções a que estamos acostumados, sejam de ordem natural (pertencentes à natureza) sejam de ordem social. Formados desde o nascimento para agirmos, pensarmos e nos comunicarmos a partir de convenções (da linguagem, das leis, dos valores morais etc.), nossa consciência toma como natural, como regular, as ocorrências e situações de todos os dias.

O choque que o contato com outras culturas causam naqueles que não estão habituados a pensar ou ver o diferente exemplifica bem o processo de desnaturalização. Assim com o canibalismo, por exemplo, ou com qualquer outro ritual cujo sentido não reconhecemos em nosso repertório cultural.

A busca por uma explicação para o que não reconhecemos, ou ao menos de tornar familiar o que é estranho, ocorre de forma aliada à aquisição da linguagem, pois o campo semântico é a forma a priori de nos relacionarmos com o mundo, de o apreendermos, de o tornarmos “natural”, ou seja, de o ordenarmos. Seja a linguagem das imagens ou dos sons, do vocabulário ou das expressões faciais, nosso contato com o mundo, material ou sensível, se dá sempre por mediação.

Ora, é essa mediação que, tornando-se natural, torna também o mundo um espaço natural. A experiência pessoal,

o acúmulo de situações categorizáveis por essa mediação e o consenso cultural, que a vivência social nos dá, é que permitem a naturalização das ocorrências e, por extensão, do real.

O “pasma essencial” que nos ensina Alberto Caieiro<sup>5</sup>, que a criança tem ao nascer sem o saber, já que ainda não tem a linguagem para se reconhecer (e ao redor) e se expressar, é uma das faces dessa desnaturalização. Ou melhor: do momento que antecede a naturalização. Reconhecer que o momento primeiro do homem no mundo é o momento do pasmo e que a ele voltamos todas as vezes que olhamos o mundo como novidade é afirmar a naturalidade da desnaturalização, ou seja, reconhecer que é possível suspender a convenção a que estamos habituados. Por meio desse processo, perdemos o que é natural. E disso, dois caminhos se abrem na relação hermenêutica:

- a) Não sei interpretar porque isso não é natural, ou seja, é uma anomalia, uma exceção, um dado que foge da ordem natural das coisas. Logo, tenho que encontrar a razão dessa ocorrência, explicá-la, domesticá-la, torná-la real.
- b) Não posso interpretar porque o real não é interpretável, ou seja, a desnaturalização me ensina que não existe o natural, apenas o convencional. Logo, a ocorrência foge do que foi convencional e explícita a ausência de sentido desta ocorrência e o sentido imaginado (e tornado convencional) de toda e qualquer ocorrência.

A primeira via é a que atribui um fundamento para a realidade, ou seja, existe um sentido primordial para o que existe, uma natureza, logo, uma lei, uma ordem, uma razão de ser.

A segunda via é o trágico.

A intenção do narrador de Singular Ocorrência reside menos na trivialidade de julgar a vida alheia do que na insistência de mostrar que há ocorrências não interpretáveis. Que a obra de Machado se esmera na elaboração de personagens

<sup>5</sup> Sei ter o pasmo essencial / Que tem uma criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deveras... / Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo... (Pessoa, 2001: 26)

premidos por decisões morais é dado notório<sup>6</sup>, mas o que se evidencia neste conto é a indiferença da escolha, uma vez que a Andrade só resta aceitar ou não a Marocas e o seu ato; julgá-la é impossível, porque não há razão para o que fez, portanto, defesa que o atenua. O dado é cru.

Andrade tenta inicialmente encontrar explicação para o que se sucedeu, justificativas que desmentissem a realidade estampada, crua, sem porosidade e sem entendimento. Impossibilitado de salvá-la e salvar-se pela razão (“Não era só a dor de a perder; era também o remorso, a dúvida, ao menos, da consciência, em presença de um possível desastre, que parecia justificar a moça”), opta pelo silêncio, como se não houvesse nada a ser dito diante do real que se apresenta (“Nenhum deles tornou ao assunto; livres de um naufrágio, não quiseram saber nada da tempestade que os meteu a pique”). O real é cruel.

A crueldade reside justamente nessa indiferença do real frente à razão humana, que insistentemente tenta domesticá-lo ampliando-o com sentidos. Uma vez que o sentido não emana do real, mas é colado a ele por meio de uma composição imaginária, então devemos entender que a responsabilidade moral só existe no campo do imaginário<sup>7</sup>, ou seja, só se dá a partir do momento em que convenciamos o certo e o errado e instamos o homem a agir guiado por esse pêndulo.

<sup>6</sup> “O principal tema machadiano é a vicissitude da motivação humana; de como e porque os indivíduos agem da maneira que agem. O casamento, a viuvez, a infidelidade; a política, a história nacional, o palco das relações familiares são, todos eles, meios de organizar decisões e escolhas. A ficção de Machado é uma indagação sobre o modo como tomamos nossas decisões quando confrontados com expectativas alheias que se opõem aos nossos desejos, formando um contraponto entre expectativa e frustração” (Passos, 2007: 109).

<sup>7</sup> De acordo com Durand (1997: 18), o Imaginário é definido como “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”. Dessa forma, não pode ser compreendido em oposição ao real, uma vez que abarca as formulações que medeiam o homem e sua atribuição de valor ao real.

Indo aos fatos: Marocas não tem o que explicar porque sua ação não foi certa nem errada, e só seria reprovável diante de uma moral que, sabe-se, não está fundamentada, é apenas máscara social. Sua ação não é racional, está presa à sensibilidade do momento, alheada de qualquer justificativa moral. Andrade não quer que nada aconteça a ela porque se veria responsabilizado moral e emocionalmente por um eventual acidente, uma vez que sua reação (humilhá-la com a presença denunciadora de Leandro) pode ter excedido a medida e a motivado a uma ação autopunitiva. Seu temor é medo de uma perda irreversível, mas é também instinto de autopreservação. Não quer que sua ação, pretensamente calcada em razões morais, gere consequências desmedidas, que firam seus sentimentos, os quais se mostram mais fortes do que qualquer responsabilidade, qualquer moral ou qualquer razão. Sua ação ampara-se no “sentimento da ocasião”, descola-se da moral e apega-se ao real, ou seja, ao dado cru, seu desejo de religar-se a ela.

É por isso que se reconciliam com rapidez. Não há porque tornar ao assunto, não há o que ser explicado, o sentimento que os une desacata a convenção moral, coagula a desnaturalização e devolve ao real a insignificância de sua própria realidade<sup>8</sup>.

O restante dos fatos transcorre na convencionalidade esperada, com ações que correspondem às expectativas e reforçam a imagem primeira da gravidade de Marocas. No entanto, pairam no ar a singular ocorrência, a frustrada tentativa de interpretação do mais jovem e a superioridade de quem parece saber mais do que diz.

Chegamos, portanto, ao cabo da primeira consideração a que me propus investigar: o real é singular. Falta ver agora o segundo filosofema: como o sentimento da ocasião acomoda a realidade.

## OS SENTIMENTOS DA OCASIÃO

Uma das formas de se lidar com o real – a mais comum e frequente, sem dúvida – é domesticá-lo por meio de um sentido

<sup>8</sup> Essa insignificância do real é tratada por Clément Rosset (2004) como idiotia, no sentido etimológico do termo, ou seja, idiota significa simples, particular, único de sua espécie.

já dado. Por exemplo, em nenhum momento discute-se a conduta do Andrade quanto à sua família. O fato de manter a Marocas e exigir dela fidelidade é tolerado pelas convenções sociais da época, em que a autoridade masculina é inquestionável.

No entanto, a motivação para as ações pendente mais para os sentimentos que para a razão, ou melhor, é guiada pela sensibilidade, definida aqui pela dialogicidade razão-sentimento, ou ainda, razão sensível<sup>9</sup>. É assim que Andrade decide manter Marocas. É assim também que resolve pagar ao Leandro para desmascará-la. Guiado também por seus sentimentos é que recusa os conselhos do personagem narrador quanto a se dedicar exclusivamente à sua família. Mas é quando Marocas desaparece que os seus sentimentos atuam com mais força, pois então se mostram contrários não só à razão, mas à própria realidade.

Diante da falta de sentido da ação da Marocas e da reação do Andrade (humilhá-la na presença do Leandro), desencadeia-se um processo de tentativa racional de compreensão da realidade; processo que, no entanto, coaduna o impulso dos sentimentos à razão.

Após o desaparecimento da Marocas, o amor e o remorso fazem com que o Andrade procure justificativas para o que ambos fizeram. Levanta a hipótese de o Leandro ter mentido, apega-se ao depoimento da criada, de que não era hábito dela sair, questiona o amigo (narrador) sobre o exagero de sua reação. Mas depois volta aos fatos e recupera sua raiva, fazendo com que o narrador observe: parece que queria acomodar a realidade ao sentimento da ocasião.

Esse mecanismo de defesa merece destaque. Não é o alvoroço dos sentimentos que faz com que a razão se enfraqueça. É a própria razão que aparece, aqui, interligada aos sentimentos, interdependentes, numa sensibilidade que busca ora apreender o

<sup>9</sup> Pode-se tratar a questão com o conceito de razão sensível, “sinergia da matéria e do espírito” (Maffesoli, 1998: 152), ou de razão complexa, que “já não concebe em oposição absoluta, mas em oposição relativa, isto é, também em complementaridade, em comunicação, em trocas, em termos até ali antinômicos: inteligência e afetividade; razão e desrazão. Homo já não é apenas sapiens, mas sapiens/demens” (Morin, 1999: 168).

real ora se esquivar dele. O fato de os sentimentos cambiarem entre raiva e remorso é que faz com que a realidade oscile e a ocorrência se desdobre em justificativas. E se o real não é real? E se existe algo por detrás que desconhecemos? É essa desconfiança infundada que infla de esperanças o Andrade.

Como conciliar a realidade do fato com a expectativa da sensibilidade? Sabemos o desfecho e é fácil ver que a ocorrência é enterrada com o abraço de reconciliação, mas a indisposição da razão e dos sentimentos no trato com o real perdura irreconciliável.

Poderíamos sintetizar com a hipotética análise: os sentimentos de Andrade fazem com que procure racionalmente dar um sentido para a realidade; mas como seus sentimentos são volúveis, a razão se contamina e, subordinada a eles, também oscila; como consequência, o real permanece sem um sentido. Essa leitura, embora verossímil, apresenta-se em ordem invertida.

Em primeiro lugar, não há como discutir a primazia do sentimento ou da razão, nem sequer concebê-los como independentes. No intercâmbio entre o subjetivo e o social, a razão é também sensível (Maffesoli, 1998) e o sentimento, expresso pela mediação da razão. A própria idéia de remorso, raiva ou amor é já um esboço de racionalização. E a razão precisa sempre de uma motivação para seguir seus passos. Razão e sentimento, portanto, caminham juntos. Expressam uma sensibilidade.

Em segundo lugar, não é a oscilação dos sentimentos e/ou da razão que faz com que o real fique sem sentido. É a própria noção de sentido que é estranha ao real. Isto é: o real é o que é, desprovido, portanto, de sentido ou de alguma falta (a falta de sentido, por exemplo). Dessa forma, quando é dito que não há sentido no real, deve-se entender que ele é completo em sua insignificância, ou seja, não carece de nada. Daí a impossibilidade de se operar com os conceitos de absurdo e de nonsense (Rosset, 1989b). O sentido que atribuímos ao real é sempre um movimento de aplicação de algo que é nosso, da nossa percepção, dos nossos sentimentos e da nossa razão. Em uma palavra, da nossa mediação.

Dessa forma, é quando a realidade se apresenta desnaturalizada que o Andrade vê os seus sentimentos e sua razão patinarem na tentativa de domesticar o real. Na im-

possibilidade de conciliar o que aconteceu com o sistema de valores racional e emocionalmente convencionados e partilhados pela sociedade, o protagonista procura acomodar a realidade ao sentimento da ocasião.

Por meio dessas considerações, vê-se que a ocorrência, como de resto toda a realidade, é singular, ou seja, resistente à atribuição de um sentido que seja colado a ela (nem hábitos da moça nem saudades da lama).

Embora a ocorrência permaneça sem significado, os sentimentos continuam buscando razões para acomodar (ou domesticar) o real, ou seja, não se percebe a insignificância do real, mas se troca de significados de acordo com a sensibilidade, ou como quer o narrador: de acordo com os “sentimentos da ocasião”.

Aqui temos, portanto, dois dados importantes do mecanismo trágico: a) a vivência de uma situação ímpar conduz à desnaturalização por meio da qual se vê a insignificância do real e sua singularidade, b) ainda que perdure a necessidade de revestir esse mesmo real de sentidos (acomodar a realidade aos sentimentos da ocasião).

Voltando ao conto: a) a traição de Marocas não se explica, é um dado real, singular e insignificante, b) ainda que se busque um sentido para o que aconteceu.

## A INDIFERENÇA DO ACASO

A última consideração a que devemos nos deter versa sobre a indiferença do acaso, como fundamento do real.

Este acaso fundador não está ligado ao inesperado (“Encontrei-a por acaso”) ou ao aleatório (“Escolhi ao acaso uma das cinco caixas”), não significa surpresa nem está ligado à probabilidade. O acaso é o que faz com que aconteça o que aconteceu. É o acaso que fez Marocas sair em busca de um Leandro qualquer. É o acaso que fez com que este Leandro qualquer fosse o Leandro conhecido do Andrade. Acaso é sinônimo de não-causalidade. Não há razão, conhecida ou desconhecida, para o acaso. O acaso é o que acontece.

Contornado pela impossibilidade de definição, já que o acaso é tautológico (ele é o que é), instiga, no entanto, a

uma desdefinição, a uma abordagem pela negativa. Assim, o acaso não é o que liga um fato a outro, mas o que o desliga, é a falta de relação de anterioridade ou de consecutividade, o que elimina a noção de encadeamento. Dessa forma, não se pode dizer que ela caiu por causa do acaso. Caiu porque tropeçou, porque não viu a pedra. Não foi por acaso que ela escolheu qualquer amiga para queixar-se de suas tristezas, mas por saber que qualquer ouvido serve quando se trata de apenas ouvir. Ou seja, não se trata de negar a razão ou as relações de causa e efeito ou mesmo a multiplicidade de tudo o que existe.

Justamente o contrário. É devido à multiplicidade da existência que não posso reduzir tudo a um, fórmula primeira da filosofia socrática e de cunho sistemático (Nietzsche, 1995). E o que faz a singularidade do real é justamente a multiplicidade do que existe. A mesma árvore não é a mesma árvore quando lhe arranco uma maçã. Tal qual o rio de Heráclito.

Assim, não há uma Razão por trás da existência, nem uma Vontade, nem uma Natureza. Não há sequer “por trás” da existência. A idéia mesma de caos já pressupõe uma desordem a ser ordenada, elementos que estão ali prontos para serem perfilados, amalgamados, acionados e relacionados para formar esta determinada ordem. Não se trata disso.

Trata-se de acaso, gratuidade, explosões que não resultam em nada, mas que também formam carbono, oxigênio, calor, espaço, matéria e vida. O que está na origem? Acaso. Quando olhado de trás para frente, o universo parece uma sucessão ímpar de encadeamentos, como se houvesse uma lógica inconcebivelmente inteligente para ordenar essas causas-consequências-causas. Mas se formos ao antes desse nascimento (como se isso fosse possível!), talvez veríamos uma sucessão de erros, acontecimentos sem consequências, explosões sem vida. Em uma palavra, uma realidade feita de acasos.

Se o universo, se o mundo, se a vida, se o real, se minha subjetividade, se tudo o que há tem como princípio o acaso, e se o acaso não se define, então temos que o princípio de tudo é a ausência de princípio, ausência de necessidade, de vontade, de inteligência, de força, de natureza. O que é veio a ser da mesma forma que poderia não ter vindo. Se é, é por acaso e não por fundamento.



Essa definição breve de acaso, em que ele é o fundamento do que não se fundamenta, para além do paradoxo, expressa o trágico da existência e, por extensão, do real. Se Marocas não tivesse escolhido este Leandro, Andrade não saberia de nada. A ocorrência permaneceria para sempre desconhecida. Seria como se não tivesse acontecido. O acaso não julga, não avalia, não escolhe. No entanto, em sua indiferença, não se abstém, e sempre, em qualquer que seja a circunstância, aparece. Na verdade, está sempre presente, é o próprio presente.

Andrade então descobre a aventura de Marocas. Mas de que lhe valeu esse saber? Pôde com ele entender as motivações de Marocas? Pôde abrir os olhos para sua vida dupla e retornar à sua família? Em uma questão, serviu para alguma coisa? A verdade é não. Nem a ele nem a nós. Sabemos que ela escolheu o Leandro por ser distante do meio social partilhado por ela (nunca desceu aos Leandros), mas continuamos às cegas quanto à sua motivação. E aqui, só há uma hipótese plausível para o seu desejo e consequente ação: o acaso.

O mesmo acaso que fez com que o Leandro fosse o Leandro, o mesmo acaso que o pôs a contar sua aventura ao Andrade, o mesmo acaso que deixa o narrador (e nós leitores) sem resposta, o mesmo acaso que os fez se reconciliarem. Enfim, o mesmo acaso que o narrador define como um deus e um diabo a um só tempo, ou seja, que faz tanto o bem quanto o mal, porque é, em uma palavra, indiferente.

Mas o trágico não se resume nestas três aparições aqui consideradas: na singularidade do real, na acomodação da realidade ao sentimento de ocasião e na indiferença do acaso. Encerra, por fim, uma última verdade: a que há conhecimentos que não servem de nada. Parece ser este o do Andrade. Parece ser este o do conto: de que valeu saber da ocorrência se não podemos interpretá-la?

## CONCLUSÃO

Ao longo do artigo, procurou-se evidenciar a presença do trágico em Machado de Assis por meio da análise do conto Singular Ocorrência, destacando-se a singularidade do real, que aparece como dado simples, único, não interpretável. Essa

singularidade do real move a sensibilidade de quem tenta atribuir-lhe sentido, de modo que razão e sentimento oscilam em busca de argumentos que acomodem a realidade, ou seja, ao real é dado um sentido de maneira a satisfazer o sentimento da ocasião, mesmo em conflito com os fatos. Esse real não interpretável, cujo significado se volatiliza de acordo com o sentimento da ocasião, não tem outro fundamento que o acaso, constituído como ausência de fundamento, como não-casualidade, como ausência de princípio lógico do qual derivaria o real.

Por meio destas três considerações, observa-se o trágico que permeia não somente este conto de Machado de Assis, mas que está no cerne das situações e personagens ficcionalmente criadas pelo escritor. A motivação para as decisões e escolhas de seus personagens ficcionais ancora-se nessa visão da realidade cujo sentido que lhe é aplicado emana das convenções sociais, tornando inviável qualquer redução, seja a um fundamento moral ou lei natural. Expressão do acaso, sua prosa traz à tona, principalmente pela análise e reflexão, esse saber inválido, conhecimento que não consola, antes aponta para sua própria inutilidade.

## REFERÊNCIAS

Dicionário Houaiss. Verbete: Natural. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=natural&stipe=k>

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO DE ASSIS. *Seus Trinta Melhores Contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MORIN, Edgar. *Ciência Com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Lisboa: Edições 70, 1995.

PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

PESSOA, Fernando. Poesia / Alberto Caeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RICOEUR, Paul. Interpretação e ideologias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ROSSET, Clément. La Philosophie Tragique. Paris: PUF, 1960.

ROSSET, Clément. *A Anti-Natureza; elementos para uma filosofia trágica*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989a.

ROSSET, Clément. *Lógica do Pior*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989b.

ROSSET, Clément. *Reel, Traite de L idiotie*. Paris: Minit, 2004.